



Centro de Estudos de
Economia Aplicada do Atlântico

WORKING PAPER SERIES

CEEApIA WP No. 07/2013

**(Educ)Ação no empreendedorismo: uma
abordagem**

**Sandra Dias Faria
João Pedro Couto
Maria Teresa Tiago**

December 2013

(Educ)Ação no empreendedorismo: uma abordagem

Sandra Dias Faria

Universidade dos Açores (DEG e CEEApIA)

João Pedro Couto

Universidade dos Açores (DEG e CEEApIA)

Maria Teresa Tiago

Universidade dos Açores (DEG e CEEApIA)

RESUMO/ABSTRACT

(Educ)Ação no empreendedorismo: uma abordagem

In the past decades, entrepreneurship has become one of the top concepts in the business field. Its relevance has increased in the past five years due to the economic world crises. Despite the relevance of entrepreneurship, there is a lack of empirical evidences regarding the enabling factors of entrepreneurship. This work provides a review of the literature related to entrepreneurship and entrepreneurship education and sets the grounds for a deeper understanding of the impacts of the last element on university students' propensity to become entrepreneurs. The data gathered and use in this work, covers four different countries and allow us to test the framework established. Findings of this paper indicate that entrepreneurship education is common ground in most countries and the individual characteristics are no longer truly distinctive between countries. On the other half, besides these conclusions, the results show that entrepreneurship education is a key component of entrepreneurship propensity among university students. Our analysis provides a roadmap to guide future research, leaving answered some questions that will be future paths of research.

Keywords: Entrepreneurship, education, propensity to entrepreneurship, university students

Sandra Dias Faria
Universidade dos Açores
Departamento de Economia e Gestão
Rua da Mãe de Deus, 58
9501-801 Ponta Delgada

João Pedro Couto
Universidade dos Açores
Departamento de Economia e Gestão
Rua da Mãe de Deus, 58
9501-801 Ponta Delgada

Maria Teresa Tiago
Universidade dos Açores
Departamento de Economia e Gestão
Rua da Mãe de Deus, 58
9501-801 Ponta Delgada

(Educ)Ação no empreendedorismo: uma abordagem

Sandra Dias Faria
João Pedro Couto
Maria Teresa Tiago

Abstract: In the past decades, entrepreneurship has become one of the top concepts in the business field. Its relevance has increased in the past five years due to the economic world crises. Despite the relevance of entrepreneurship, there is a lack of empirical evidences regarding the enabling factors of entrepreneurship. This work provides a review of the literature related to entrepreneurship and entrepreneurship education and sets the grounds for a deeper understanding of the impacts of the last element on university students' propensity to become entrepreneurs. The data gathered and use in this work, covers four different countries and allow us to test the framework established. Findings of this paper indicate that entrepreneurship education is common ground in most countries and the individual characteristics are no longer truly distinctive between countries. On the other half, besides these conclusions, the results show that entrepreneurship education is a key component of entrepreneurship propensity among university students. Our analysis provides a roadmap to guide future research, leaving answered some questions that will be future paths of research.

Keywords: Entrepreneurship, education, propensity to entrepreneurship, university students

Acknowledgement: CEEApIA - Research Center for Applied Economics.

1. Introdução

O empreendedorismo é uma forma de pensar, de estar que enfatiza as oportunidades relativamente às ameaças. O processo de identificar oportunidades é por si só um processo baseado em intenções (Krueger, *et al.*, 2000), daí o estudo dos determinantes da propensão para o empreendedorismo revestir-se de grande interesse.

Compreender os fatores intrínsecos ao próprio indivíduo e a sua influência na propensão empreendedora é imprescindível, porém compreender os fatores externos e a sua influência nas decisões dos indivíduos é também importante.

Tendo como ponto de partida a afirmação que expressa o fato de o autoemprego ser uma das soluções para a crise económica mundial, convém compreender a forma como se pode impulsionar o comportamento empreendedor nos indivíduos. Assim, definiu-se como objetivo principal efetuar uma apreciação das características dos indivíduos e da educação empreendedora, com o propósito de determinar a sua influência na capacidade empreendedora e conseqüentemente determinar o seu papel como impulsionadores ou mitigadores das atividades empreendedoras dos habitantes dos diferentes países.

Os resultados das análises empíricas permitiram testar as hipóteses formuladas e comprovar dois aspetos principais: (i) existem características intrínsecas aos indivíduos que condicionam a propensão para empreender e, (ii) a educação empreendedora influencia a capacidade de empreender, embora não se encontrem já muitas diferenças ao nível da educação empreendedora quando se comparam países desenvolvidos. Estas conclusões reforçam o exposto por diversos autores com relação à existência de uma forte influência da educação empreendedora na propensão para o empreendedorismo e a sua quase generalização enquanto prática educativa nos países europeus e da América do Norte.

O remanescente do trabalho está estruturado do seguinte modo: na seção dois apresenta-se uma revisão dos principais conceitos teóricos subjacentes a esta temática; nas seções seguintes apresenta-se o modelo em estudo, bem como as hipóteses desenvolvidas e o tratamento de dados efetuado; na última seção apresentam-se as principais ilações e definem-se os trilhos para futuras investigações.

2. Enquadramento teórico

A criação de um novo negócio poderá surgir de uma resposta a condições ambientais favoráveis, como seja o surgimento de um nicho de mercado atrativo. Todavia, existe sempre uma avaliação das pistas dadas pela envolvente e a busca por transformar a oportunidade percebida num plano de negócios viável (Krueger, *et al.*, 2000).

Drucker (1985) afirmou que *"The entrepreneurial mystique? It's not magic, it's not mysterious, and it has nothing to do with the genes. It's a discipline. And, like any discipline, it can be learned"*.

A influência da educação sobre a propensão para o Empreendedorismo tem sido alvo de diversos estudos, procurando os mesmos explicar o modo como o ensino influencia as atitudes dos indivíduos perante o empreendedorismo e como contribuiu para a definição e concretização das aspirações dos alunos.

Tal como refere Gendron (2004) no atual contexto empresarial e educacional, já não existe espaço para equacionar a pertinência do empreendedorismo enquanto matéria de ensino, mas sim para avaliar os métodos e os conteúdos veiculados e o seu impacto no processo empreendedor dos alunos.

Assim, compreende-se que o desenho de programas disciplinares capazes de contribuir para a propensão empreendedora, a existência de uma cultura empreendedora no ensino, assim como a dotação dos alunos com as ferramentas necessárias para a criação de negócios faz da educação empreendedora um instrumento essencial às regiões que se querem em desenvolvimento (De Jorge-Moreno, *et al.*, 2012).

Gendron (2004) referindo-se ao caso norte-americano denota que a quase maioria das escolas já possui unidades curriculares de empreendedorismo ou incluem a temática em cadeiras obrigatórias. A questão que se coloca é a partir de que nível de ensino devem ser os indivíduos sujeitos à educação empreendedora.

Desde a década de noventa que se encontra referências na literatura à importância do empreendedorismo, nos diversos níveis de ensino e enfatizando domínios específicos, como se constata da tabela a seguir apresentada:

Tabela 1 – Síntese dos contributos

Domínio	Autor (ano)	Origem da investigação
Empreendedorismo e Gestão	(Ireland, Hitt, e Sirmon, 2003) (Canina, Palacios e Devece, 2012)	Os domínios empresariais e de gestão não são mutuamente exclusivos, sobrepõem-se em determinados aspetos. O domínio empresarial é mais orientado para a oportunidade, e o domínio de gestão mais orientado para os recursos e para a negociação.
Capital de risco	(Shepherd e Zacharakis, 2001) (Shepherd e Zacharakis, 2002) (Shepherd, Zacharakis e Baron, 2003) (Dimov e Shepherd, 2005) (Park e Steensma, 2012)	O financiamento de risco, incluindo o capital de risco e o <i>business angels</i> , bem como outras técnicas inovadoras de financiamento, surgiu na década de 1990 com uma força sem precedentes, alimentando mais uma década de empreendedorismo.
Empreendedorismo organizacional	(Miles, Munilla e Covin, 2002) (Kuratko, Ireland e Hornsby, 2001)	O Empreendedorismo organizacional, isto é, a

	(Kuratko, Ireland, Covin e Hornsby, 2005) (Ireland, Covin e Kuratko, 2009) (Ireland, Covin e Kuratko, 2009)	necessidade das organizações desenvolverem processos empreendedores tem sido alvo de especial atenção nos últimos anos.
Estratégias de empreendedorismo	(Hitt, Ireland, Camp e Sexton, 2001) (Ireland, Covin e Kuratko, 2009)	Estratégias de empreendedorismo têm sido identificadas para mostrar alguns denominadores comuns importantes, problemas e <i>trade-offs</i> entre o empreendedorismo e a estratégia.
Empreendedorismo feminino e de minorias	(Chaganti e Greene, 2002) (Greene, Hart, Gatewood, Brush, e Carter, 2003) (Gundry e Welsch, 2001) (Eddleston e Powell, 2008) (Avolio, 2012)	O número de Empreendedores quer entre mulheres quer entre indivíduos pertencentes a minorias tem aumentado significativamente. Demonstram conseguir enfrentar obstáculos e dificuldades de forma distinta dos demais empreendedores.
Fatores psicológicos dos empreendedores	(Kickul e Gundry, 2002) (Ferreira, Raposo, Rodrigues, Dinis, e do Paço, 2012) (Moriano, Gorgievski, Laguna, Stephan, e Zarafshani, 2012)	The great variety among types of entrepreneurs and the methods they have used to achieve success have motivated research on the psychological aspects that can predict future success
Espírito Empreendedor	(McDougall, Oviatt, e Shrader, 2003) (Zahra, Hayton, Marcel, e O'Neill, 2001) (Miguel e Beltrán, 2012)	Considerando o enorme crescimento do interesse demonstrado em torno do Empreendedorismo nos últimos anos a nível internacional.
Contributo Económico e Social do Empreendedorismo	(Chrisman, Chua, e Sharma, 2005) (Upton, Teal, e Felan, 2001) (Carree e Thurick, 2010)	Realização de estudos acerca do contributo económico e social dos empreendedores, das novas empresas e dos negócios familiares comparativamente ao contributo das 500 maiores empresas em indicadores como a criação de emprego, a inovação e o retorno económico.
Empreendedorismo e Ética	(Donald e Goldsby, 2004) (Morris, Schindehutte, Walton e Allen, 2002) (Fassin, Van Rossem e Buelens, 2011)	O estudo da relação entre o Empreendedorismo e a Ética evidenciou um rápido crescimento devido a acontecimentos polémicos em organizações.

Denota-se que apesar de existirem referências com relação aos níveis mais básicos de ensino, é ao nível do ensino secundário e do ensino superior que existe uma maior ênfase a nível internacional em torno do conceito de empreendedorismo.

Considerando os impactos do empreendedorismo, já constatados e amplamente referenciados na literatura, ao nível da inovação, produtividade e competitividade das organizações e indivíduos (Plaschka e Welsch, 1990) a ênfase coloca-se nos conteúdos que deverão ser ou não transmitidos e no modo como se consegue estimular o processo empreendedor nos indivíduos.

Da análise dos principais eixos da investigação em torno do conceito de empreendedorismo e da educação para o empreendedorismo, verifica-se que é ao nível universitário que este parece ter maiores resultados, pelo que se irá centralizar o restante trabalho nos alunos universitários.

Deste modo, nas restantes sub-seções serão abordados os temas a propensão para o Empreendedorismo por parte dos alunos universitários e o papel do ensino no desenvolvimento de capacidades empreendedoras, procurando encontrar possíveis mecanismos para o estímulo deste fenómeno.

Propensão Empreendedora dos estudantes universitários

Estudos focalizados nas decisões relativas às opções de carreira, procuram compreender a atratividade da carreira empreendedora. Os valores associados ao empreendedorismo, tais como o desafio, a realização pessoal e a independência, traduziram-se em valores cada vez mais apreciados em contexto de trabalho (Jackson e Vitberg, 1987). Em simultâneo, questões muito valorizadas pelos indivíduos relativamente ao emprego por conta de outrem, como a segurança e a estabilidade no emprego perderam significado. Estas duas realidades aliadas levaram ao impulso da propensão para o empreendedorismo (Jackson e Vitberg, 1987).

Outros trabalhos apontam para efeitos negativos do nível de educação na propensão para o empreendedorismo. Como exemplo da influência negativa de um maior nível de educação temos o custo de oportunidade do capital humano, pois níveis de ensino superior podem levar a oportunidades de carreira lucrativas em grandes empresas já existentes (Stewart Jr., *et al.*, 1999). Em oposição, outros autores defendem que o nível educacional dos empreendedores e o grau inovador das suas ideias são fatores com influência positiva na criação de novas iniciativas. Nomeadamente, defendem uma maior probabilidade dos negócios criados por empreendedores com nível de ensino superior terem uma maior capacidade de sobrevivência.

Este efeito positivo da educação é acentuado no caso das *startups* na área das novas tecnologias (Van de Ven, *et al.*, 1984).

Segundo preconizado, o autoemprego é uma escolha profissional atrativa para muitos estudantes universitários. O autor encontra explicação para este facto na crescente desilusão sentida relativamente ao trabalho por conta de outrem, em especial nas grandes empresas. Esta desilusão surge com as alterações decorrentes de processos de reestruturação das empresas, da redução de custos e de outras alterações fruto da globalização (Kolvereid, 1996a).

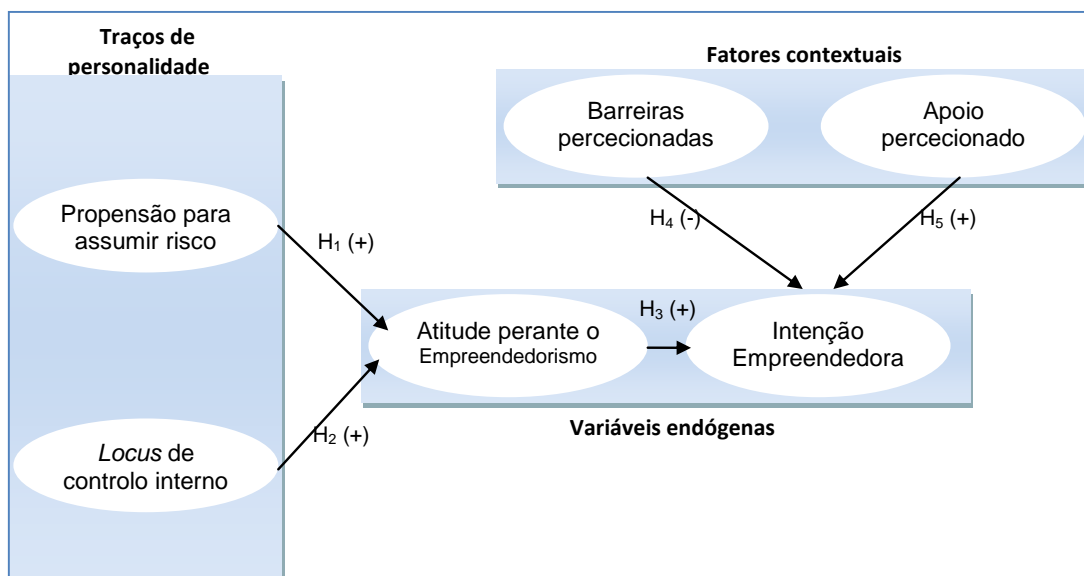
Autio *et al.* (1997) desenvolveram um estudo comparativo de alunos da área tecnológica oriundos da Finlândia, da Suécia, dos EUA e do Sudeste da Ásia. Com este estudo concluíram que o apoio concedido aos alunos durante o seu percurso universitário e a imagem do empreendedorismo enquanto escolha profissional, determinam a propensão para o empreendedorismo por parte destes alunos.

Num estudo desenvolvido por Kolvereid e Moen (1997), são comparados alunos de uma universidade norueguesa, sendo estes grupos diferenciados pela sua área de especialização. Um dos grupos é composto por alunos de gestão com especialização em empreendedorismo e o outro por alunos de gestão com especialização noutras áreas. Os resultados demonstraram que os alunos com especialização em empreendedorismo demonstram maior propensão a criar um negócio relativamente aos restantes, com especializações noutras áreas.

Por sua vez, Oakey *et al.* (2002) analisaram a propensão para o empreendedorismo por parte de alunos da Universidade de Manchester. Tendo por base fatores inibidores ou impulsores da propensão empreendedora, os dados recolhidos relativos às atitudes de 247 estudantes, permitiram concluir que os alunos que demonstraram intenção de empreender caracterizavam-se por valorizar fatores como a flexibilidade e independência no âmbito profissional.

A propensão empreendedora por parte de alunos do ensino universitário foi estudada a partir da conjugação de fatores contextuais e de características pessoais (Lüthje e Franke, 2003). A capacidade de arriscar e o locus de controlo foram as características pessoais avaliadas. Segundo estes autores, ambos constructos têm sido frequentemente apontados como características pessoais dos potenciais empreendedores, tendo um papel fundamental na aspiração ao autoemprego. Nos fatores contextuais, os autores selecionaram as barreiras contextuais e o apoio social como constructos do modelo, tal como é visível na figura que se segue:

Figura 1 - Modelo estrutural de intenção empreendedora



Fonte: Adaptado de Lüthje e Franke (2003).

O modelo apresentado por Lüthje e Franke avalia o efeito quer das características pessoais, quer dos fatores contextuais na intenção empreendedora dos alunos. No caso das características pessoais o seu efeito na intenção empreendedora é medido através da atitude dos alunos face ao empreendedorismo, tendo assim um efeito indireto na intenção empreendedora dos alunos (Lüthje e Franke, 2003).

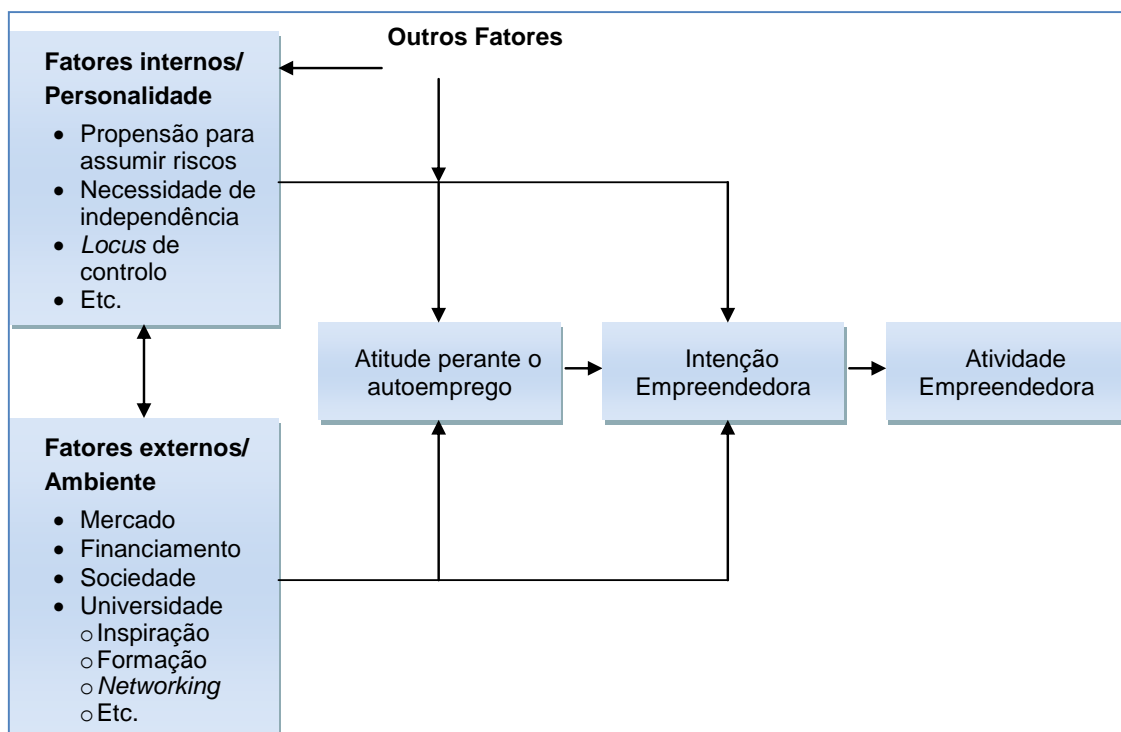
Por outro lado, o facto dos fatores contextuais assumirem um efeito direto sobre a intenção empreendedora, reflete que aparte da atitude do aluno perante o empreendedorismo, o facto de existirem condições ambientais favoráveis à criação de negócio poderá levar o aluno a decidir criar um negócio. O mesmo será dizer que um aluno com uma atitude positiva perante o empreendedorismo poderá não criar negócio devido a condições ambientais desfavoráveis, sendo a situação contrária também verdadeira (Lüthje e Franke, 2003).

Num estudo posterior, estes autores procuram estudar as discrepâncias existentes entre alunos de nacionalidades diferentes, comparando alunos de Universidades alemãs (Vienna University of Economics and Business Administration e University of Munich) e alunos dos EUA (Massachusetts Institute of Technology – MIT) (Lüthje e Franke, 2004). O modelo construído pretendeu clarificar o processo de criação, desenvolvimento e apoio ao empreendedorismo entre os alunos, procurando explicar as diferenças encontradas através dos antecedentes dos mesmos.

Deste modo, os autores neste modelo consideraram como características pessoais a capacidade de arriscar, a necessidade de independência e o locus de controlo. Relativamente aos fatores contextuais foram ponderados os fatores mercado, financiamento, sociedade e universidade (Lüthje e Franke, 2004).

Ao contrário do verificado no estudo anterior, neste modelo o efeito causal das características pessoais e dos fatores contextuais são medidos diretamente sobre a intenção empreendedora; e indiretamente através da atitude face ao autoemprego. Continuando a ser a intenção empreendedora a variável dependente do modelo, desta feita os autores avaliam ainda os efeitos desta na atividade empreendedora dos alunos (Lüthje e Franke, 2004).

Figura 2 - Modelo conceptual do processo de tomada de decisão empreendedora



Fonte: Adaptado de Lüthje e Franke (2004).

Num estudo mais recente, Prodan e Drnovsek (2010) procuram explicar a intenção empreendedora junto de alunos do ensino superior recorrendo a questionários realizados em duas universidades europeias: University of Cambridge (Reino Unido) e University of Ljubljana (Eslovénia).

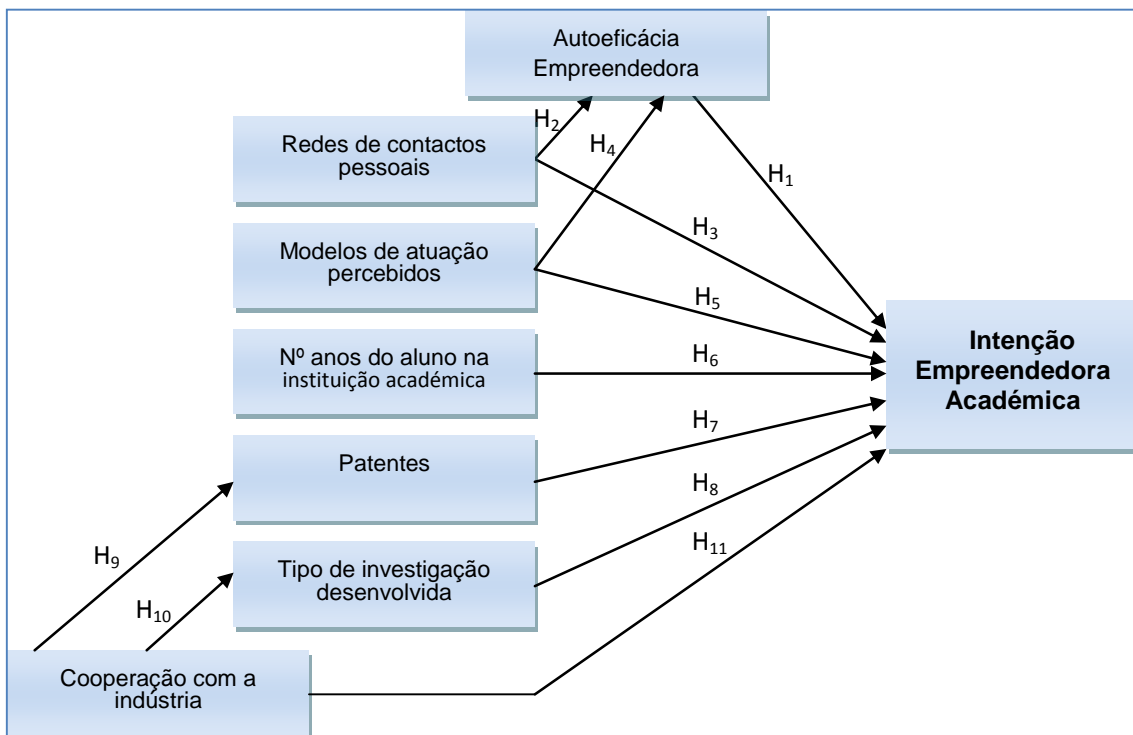
O modelo desenvolvido mede a intenção empreendedora como resultante da autoeficácia empreendedora, sendo esta determinada pelas variáveis redes de contactos pessoais e modelos

de atuação percebidos. Estas duas variáveis apresentam um efeito indireto na intenção empreendedora através da autoeficácia empreendedora, assim como um efeito direto.

O número de anos que o aluno passa na instituição académica, o número de patentes e o tipo de investigação desenvolvida nas universidades inquiridas são outras variáveis determinantes para a intenção empreendedora destes alunos.

Uma última variável, cooperação com a indústria, apresenta relações com as variáveis patentes e tipo de investigação, provocando efeitos indiretos sobre a intenção empreendedora; assim como um efeito direto ao influenciar a variável dependente de forma imediata, como é possível visualizar na figura abaixo.

Figura 3 - Modelo conceptual do processo de intenção empreendedora académica



Fonte: Adaptado de Prodan e Drnovsek (2010).

Os autores concluíram que as variáveis com maior contributo para a intenção empreendedora são a autoeficácia empreendedora, o tipo de investigação desenvolvida na universidade, os modelos percebidos, o número de anos na universidade e o número de patentes registadas, independentemente do contexto cultural.

O ensino no desenvolvimento de capacidades empreendedoras

A Educação Empreendedora tem sofrido um significativo impulso nas últimas cinco décadas, menos de dez universidades nos EUA ensinavam empreendedorismo nos anos sessenta, hoje são mais de setecentas universidades a fazê-lo. É pois visível o interesse crescente no desenvolvimento desta área do saber (Lüthje e Franke, 2002).

O conceito de Educação Empreendedora recai sobre a definição de programas de ensino que promovem a consciência empreendedora no que respeita a opções de carreira, ao mesmo tempo que faculta o desenvolvimento de competências necessárias à criação e desenvolvimento de negócios (Vesper, 1990). Este conceito distingue-se de outras formas de educação empresarial quando o seu propósito é a criação de um novo produto ou serviço resultante na criação de valor reconhecido pelo mercado (Hansemark, 1998).

Alguns estudos sugerem que a propensão para o empreendedorismo está associada a diversas características pessoais que podem ser influenciadas através de programas de ensino formais (Gorman *et al.*, 1997; Bechard e Toulouse, 1998). Por consequência, valida-se o pressuposto em que assenta a educação empreendedora, de que as características e capacidades empreendedoras podem ser desenvolvidas.

A educação pode preparar os indivíduos para a criação de novas iniciativas, desde logo através da transmissão de conhecimentos e do desenvolvimento de competências essenciais ao incremento da autoeficácia empreendedora e à efetividade do potencial empreendedor (Gorman *et al.*, 1997).

A evidência de características empreendedoras é significativamente maior entre alunos envolvidos em programas de ensino em empreendedorismo relativamente aos restantes, comprovando a teoria de que as características empreendedoras podem ser influenciadas pela intervenção educacional e experimental. Os alunos que recebem formação em empreendedorismo demonstram maiores níveis de motivação para alcançar resultados, de autocontrolo e de autoestima relativamente a um grupo comparável (Rasheed e Rasheed, 2003).

O efeito da educação empreendedora nas atitudes face ao empreendedorismo e na intenção de empreender foi testado por Souitaris *et al.* (2007), tendo como população alvo alunos das áreas de engenharia e das ciências de duas universidades, em Londres no Reino Unido e em Grenoble na França. Num dos grupos, os alunos tiveram a disciplina de Empreendedorismo enquanto no outro não, comprovando-se que o primeiro grupo demonstrou ter atitudes mais positivas face ao empreendedorismo e uma maior intenção de empreender.

Num estudo desenvolvido por Lüthje e Franke (2002) foram comparados alunos universitários com formação em empreendedorismo nos EUA e na Alemanha, chegando os autores à conclusão de que os alunos norte-americanos apresentam uma maior propensão empreendedora e uma maior capacidade em apresentar planos de negócios mais ambiciosos em termos de capacidade de crescimento. Para além disto, os alunos norte-americanos demonstraram uma maior capacidade em avaliar o apoio dado pela universidade na promoção de novas iniciativas, enquanto os alunos alemães quando questionados acerca do suporte da universidade num processo empreendedor, apontaram mais preocupações.

No entanto, a literatura aponta também para efeitos negativos da educação na propensão empreendedora, aludindo a questões como o nível de conhecimento dos empreendedores (Rideout e Gray, 2013). Se por um lado, o conhecimento é propulsor da atividade empreendedora numa fase inicial, por outro poderá contribuir para a aversão ao risco por tornar os indivíduos mais conscientes, e assim reduzir a propensão para o empreendedorismo (Stewart, et al., 1999).

Outro trabalho desenvolvido acerca do papel da educação na autoeficácia empreendedora sugere que um programa de educação empreendedora devidamente desenhado deverá considerar a natureza multidimensional e sequencial das tarefas a desempenhar por um empreendedor. Deste modo, a educação empreendedora deverá focar-se não apenas nas atividades iniciais, em que a inspiração é importante requerendo capacidades como visionar e identificar uma nova ideia de produto/serviço ou negócio; mas também nas atividades de previsão, as quais requerem habilidades cruciais como sejam planear e implementar a ação, definir os recursos necessários, gerir recursos humanos e financeiros (McGee, et al., 2009).

É então possível evidenciar a importância da educação empreendedora, tanto mais não seja pelo papel que desempenha no desenvolvimento socioeconómico, por vezes subestimado. Ao longo da história, temos assistido a uma crescente consciencialização do seu papel, reconhecendo os empreendedores como agentes estimuladores do desenvolvimento económico. De acordo com o defendido por Mowery e Sampat (2004), ao longo das últimas décadas assistimos à implementação de políticas, nomeadamente por parte dos países membros da OCDE, com o intuito de facilitar a inovação e aumentar o nível de transferência de conhecimento das universidades para as empresas, num reconhecimento sem paralelo da importância do empreendedorismo académico para o desenvolvimento económico.

No plano teórico e por estarem na vanguarda da investigação e geração de conhecimento, os agentes académicos ocupam uma posição privilegiada com vista à identificação de

oportunidades de mercado com alto retorno económico (Wigren, et al., 2007). Tornando-se por isso catalisadores de iniciativas com valor acrescido capazes de produzir efeitos significativos no desenvolvimento socioeconómico.

Para a construção de uma sociedade de conhecimento inovadora e empreendedora, as universidades têm uma nova missão: gerar conhecimento economicamente explorável.

Modelo conceptual e hipóteses a testar

Robison e Hayes (1991) efectuaram o acompanhamento durante quatro anos de cerca 10.000 jovens universitários, com vista a determinar os elementos que poderiam estar na origem do seu comportamento empreendedor e para determinar o papel da educação universitária para o empreendedorismo nesses comportamentos. Várias são as ilações retiradas deste estudo, apontando para a pertinência do acompanhamento do processo educacional e do seu relacionamento com os comportamentos empreendedores.

A apreciação de fatores externos ao indivíduo é fundamental dada a atividade empreendedora exigir avaliações relativas à aquisição de recursos, aos processos de tomada de decisão, ao contexto económico, e deste modo influenciar a propensão empreendedora (Harper D. , 1997).

A educação empreendedora é um fator externo de suma importância, o modelo procura medir a perceção dos alunos relativamente a este fator. A educação empreendedora é desenhada para comunicar e inculcar competências, habilidades e valores necessários ao reconhecimento de oportunidades de negócio, organizar e iniciar novo empreendimento (Izedonmi e Okafor, 2010).

Sendo a atividade empreendedora profundamente dependente das características individuais dos seus promotores, a definição do Perfil Empreendedor surge como representação das competências necessárias ao indivíduo no que diz respeito à tomada de decisões necessárias para empreender e à adoção das responsabilidades decorrentes das mesmas. Deste modo, o modelo proposto assume como preponderante as capacidades individuais na definição do Perfil Empreendedor, conferindo aos indivíduos a agregação de características capazes de potenciar a sua capacidade empreendedora.

O perfil empreendedor, agrega as chamadas competências psicológicas definidas pelas variáveis coragem, flexibilidade, otimismo e independência.

O perfil empreendedor, de acordo com o já enunciado neste trabalho, assume um papel preponderante na inclinação empreendedora dos indivíduos. Todavia, persiste a questão relativa ao papel que as características pessoais possam ter na propensão empreendedora,

defendendo-se a ideia de que têm sido subestimadas em investigação anterior devido a limitações metodológicas existentes então (Hisrich, Langan-Fox e Grant, 2007).

As características individuais que compõem o perfil empreendedor desde cedo são assumidas como fator preponderante na avaliação da propensão empreendedora, assumindo-se como uma condição diferenciadora destes indivíduos (Baron, 2004; Koh, 1996).

Koh, (1996) identificou quatro indicadores para a definição do perfil empreendedor: necessidade de auto-realização, *locus* de controlo, capacidade moderada de assumir Risco, elevada tolerância à ambiguidade, elevado nível de autoconfiança e capacidade de inovar. A presença destas características nos indivíduos afeta a sua intenção de criar um negócio (Krueger e Carsrud, 1993; Thomas e Mueller, 2000).

Com base nestes conceitos fixou-se a primeira questão de investigação que procura determinar a dependência da propensão para o empreendedorismo relativamente ao perfil empreendedor. Assim, as primeiras hipóteses foram desenhadas como:

H1:O efeito combinado dos fatores idade e sexo não gera diferenças no nível médio da propensão para o empreendedorismo.

H2:O efeito combinado dos fatores nacionalidade e idade não gera diferenças no nível médio da propensão para o empreendedorismo.

H3:O efeito combinado dos fatores nacionalidade e sexo não gera diferenças no nível médio da propensão para o empreendedorismo.

Compreender o impacto dos fatores contextuais na educação empreendedora possibilitará, ou não, medir e justificar a importância atribuída atualmente à mesma. As transformações a que assistimos nas últimas décadas, no que respeita à dinâmica institucional e ao seu funcionamento, levantam questões relacionadas com uma maior facilidade, mas também necessidade de empreender. O que por sua vez fundamenta o crescimento verificado no número de cursos de empreendedorismo.

De igual modo, a modificação colossal dos sistemas financeiros e o conseqüente aparecimento de novas oportunidades de financiamento contribuíram para uma exponencial atratividade da atividade empreendedora, levando a que a educação empreendedora encontrasse neste argumento uma razão plausível para a sua valorização.

Outro fator ambiental considerado nesta análise, e talvez o mais intuitivo, é o contexto económico. A realidade económica de qualquer região ou país exerce influência sobre todas as áreas da vida em sociedade, incluindo quer a propensão empreendedora, quer a educação. As alterações económicas vivenciadas no século XXI fazem com que o empreendedorismo seja uma competência fundamental para qualquer processo educacional, em especial ao nível do ensino superior. O desenvolvimento de capacidades empreendedoras é cada vez mais valorizado nos programas académicos (Urban, 2006).

Atendendo ao postulado previamente foi estabelecida a sexta hipótese que afere a influência dos fatores contextuais na educação empreendedora.

H4:O efeito combinado dos fatores nacionalidade e educação empreendedora não gera diferenças no nível médio da propensão para o empreendedorismo.

As hipóteses apresentadas neste trabalho foram desenvolvidas com o objetivo de operacionalizar e testar as diferentes componentes base do modelo conceptual determinado, refletindo as mesmas as questões de pesquisa deste trabalho.

3. Metodologia e Resultados

No seguimento da definição do modelo conceptual, o capítulo que se segue descreve os procedimentos adotados em busca da concretização dos objetivos almejados. Neste sentido serão apresentados os dados e a metodologia utilizada na sua recolha, as variáveis do modelo e as fases de tratamento dos dados.

Foi estruturado um inquérito de forma a reunir informação passível de caracterizar a amostra e possibilitar a exploração de hipóteses a testar. Por conseguinte o inquérito aplicado encontra-se dividido em sete seções: (i) caracterização; (ii) antecedentes; (iii) características contextuais; (iv) características psicológicas; (v) capacidades empreendedoras; (vi) intenção empreendedora; e (vii) educação empreendedora.

A primeira seção, reservada à caracterização da amostra, é composta por cinco questões. Nesta secção os alunos são inquiridos sobre o género; a idade; a nacionalidade; a área de estudos e a ligação a associações.

A seção seguinte aborda os antecedentes familiares, caracterizando os pais dos alunos inquiridos quanto às suas habilitações e quanto à sua situação profissional. Ainda nesta secção,

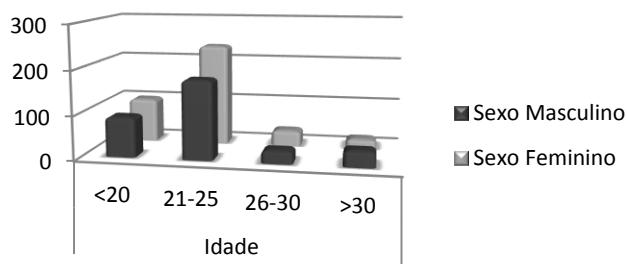
os inquiridos são auscultados sobre o nível de rendimento mensal do agregado familiar e a existência de negócios na família.

Em busca de informação que possibilitasse aferir as atitudes dos alunos face ao empreendedorismo, na seção três os alunos avaliam numa escala de *Likert* com sete níveis (1- Totalmente desfavorável; ... 7- Totalmente favorável) o impacto de fatores contextuais na criação de negócio. Na última seção do inquérito, os alunos são inquiridos sobre o papel da educação no desenvolvimento da propensão empreendedora por parte dos alunos, sendo apresentado um conjunto de fatores, tendo os alunos de classificá-los numa escala de sete níveis (1- Nada importante; ... 7-Muito importante). A última questão sonda se os alunos já frequentaram ou não uma disciplina de empreendedorismo.

A definição da amostra seguiu o princípio da proporcionalidade, atendendo para tal ao número de estudantes do ensino superior em cada um dos países objeto de estudo. Definidas as quotas, a Itália obteve uma representação de 61,15%, seguida da Holanda com 18,91%, de Portugal com 12,74% e, por último, da Irlanda com os restantes 7,20%.

No total de 734 inquiridos, 339 são do sexo masculino o que corresponde a 46,19% da amostra. A sua repartição por sexo e faixa etária é possível de ser observada na figura seguinte.

Figura 4 - Divisão da amostra por sexo e escalão etário



Quando analisada a repartição da amostra por sexo e escalão etário, verificamos que a predominância do sexo masculino apenas existe no escalão etário superior a 30 anos. O escalão etário 21-25 anos, regista a maior frequência, quer no sexo masculino, quer no sexo feminino.

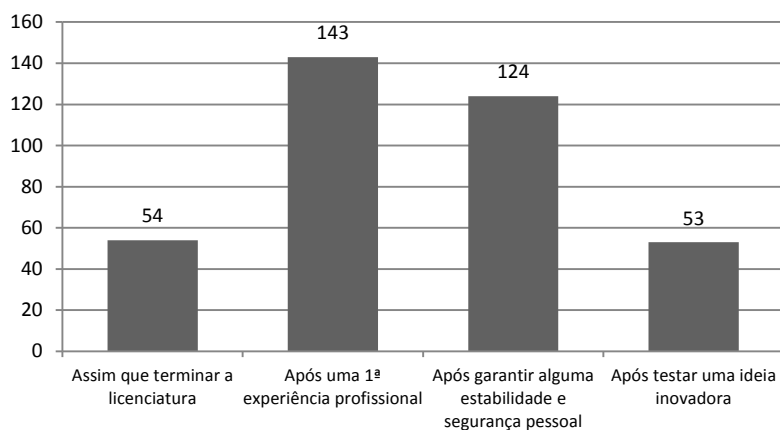
Tabela 2 - Amostra repartida por curso frequentado

Curso		
	N	%
Economia e Gestão	493	67,17
Biologia, Geografia e Ciências da Terra	39	5,31

Literatura e História	18	2,45
Ciências Computacionais e Matemática	19	2,59
Educação	11	1,50
Outro	154	20,98
Total	734	100

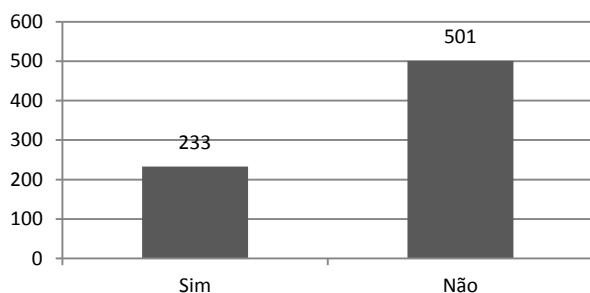
Relativamente à intenção de empreender, cerca de 49% dos alunos inquiridos indicaram a opção “Trabalhar por conta de outrem”, sendo que a maioria (51%), apontaram a alternativa “Trabalhar por conta própria”.

Figura 5 - Cenário para a criação de Negócio



Dos 374 inquiridos que responderam pretender “Trabalhar por conta própria”, a maior parte declarou fazê-lo após uma primeira experiência profissional, 38,24%. Seguiu-se a opção empreender após garantir alguma estabilidade e segurança pessoal, com 33,16%; assim que terminarem a licenciatura foi a escolha de 14,44% dos inquiridos, sendo que a opção com menor frequência foi a de empreender após testar uma ideia inovadora, com 14,17% das respostas.

Figura 6 - Frequência curso/disciplina de Empreendedorismo



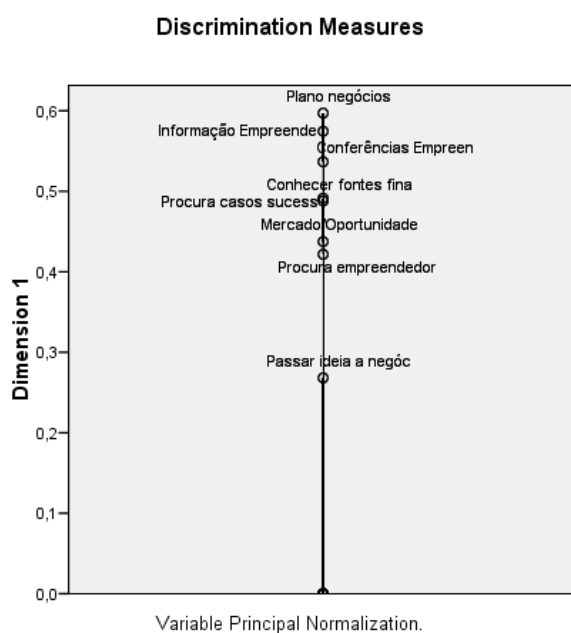
Considerando novamente o total da amostra, apenas 31,74% dos inquiridos afirmou já ter frequentado um curso ou disciplina de Empreendedorismo no âmbito da licenciatura.

Atendendo ao número significativo de variáveis explicativas obtidas neste estudo, uma análise exploratória torna-se imperiosa para a identificação das relações existentes entre as variáveis e a sua, conseqüente, integração em variáveis latentes.

Com este objetivo foram aplicados testes *cross tabs* e de qui-quadrado, foi realizado um índice sintético para cada uma das dimensões de base do estudo e posteriormente realizada análise de variância multifatorial.

Com recurso às variáveis que mediam necessidade de auto-realização, *locus* de controlo, capacidade moderada de assumir risco, elevada tolerância à ambigüidade, elevado nível de autoconfiança e capacidade de inovar, foi composto um índice sintético do perfil empreendedor. O valor obtido do alfa de Chronbach (0,843) atesta a robustez do índice encontrado e o índice ficou com a composição següidamente apresentada:

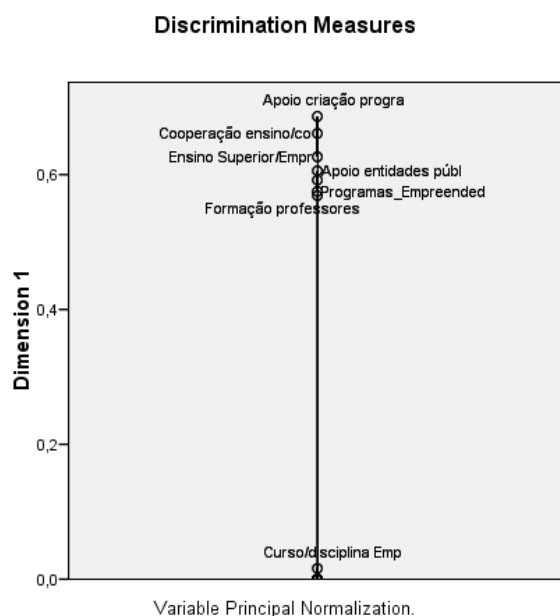
Figura 7 – Composição do Índice sintético de propensão empreendedora



Um procedimento estatístico similar foi efetuado com relação à educação empreendedora, tendo-se considerado como variáveis os programas de empreendedorismo, o apoio à criação de programas, a formação de professores, a cooperação ensino/comunidade, a relação ensino superior/empreendedorismo, apoio de entidades públicas, mobilidade de professores e empreendedores e frequência de curso ou disciplina de empreendedorismo. O índice sintético

da educação empreendedora obteve um alfa de Chronbach (0,879). Este índice ficou com a seguinte composição, face às variáveis iniciais:

Figura 8 – Composição do Índice sintético de educação empreendedora



Como o objetivo deste trabalho era determinar não só as dimensões que compõem o perfil do empreendedor e a educação empreendedora, mas também qual a influência de outros fatores nessa variável, procedeu-se à análise de variância multifatorial. O objetivo da análise de variância a mais do que um fator é, assim, o de testar os efeitos de diversos fatores fixos – que definem K amostras – numa variável dependente quantitativa.

Pretendem testar-se as seguintes hipóteses:

Efeito de Interação:

H₀: O efeito combinado dos fatores idade e sexo não gera diferenças no nível médio da propensão para o empreendedorismo. (Não há efeito de interação)

H_a: O efeito combinado dos fatores idade e sexo gera diferenças no nível médio da propensão para o empreendedorismo. (Há efeito de interação)

Efeito principal idade:

H₀: O nível médio da propensão para o empreendedorismo é igual em todas as idades. (Não há efeito de interação)

Ha: O nível médio da propensão para o empreendedorismo é diferente em pelo menos um dos escalões etários. (Há efeito de interação)

Efeito principal sexo:

Ho: O nível médio da propensão para o empreendedorismo é igual entre homens e mulheres. (Não há efeito de interação)

Ha: O nível médio da propensão para o empreendedorismo é diferente entre homens e mulheres. (Há efeito de interação)

Tabela 3 - Teste efeito entre objetos

Variável dependente: propensão para o empreendedorismo

Fonte	Soma dos Quadrados Tipo III	df	Média	F	Sig.
Modelo correto	4,960941	3	1,653647	1,655827	0,175194
Interceção	0,001421	1	0,001421	0,001422	0,969925
Sexo	3,094436	1	3,094436	3,098515	0,078783
Idade	0,160066	1	0,160066	0,160277	0,689019
Sexo * Idade	0,115857	1	0,115857	0,11601	0,733501
Erro	729,0391	730	0,998684		
Total	734	734			
Total Corrigido	734	733			

a $R^2 = ,007$ (R^2 Ajustado= ,003)

Efeito de interação: não se rejeita a hipótese nula ($p=0,969$);

Efeito principal idade: não se rejeita a hipótese nula ($p=0,689$), concluindo-se que não há pelo menos um escalão etário onde o nível médio da propensão para o empreendedorismo seja diferente;

Efeito principal sexo: rejeita-se a hipótese nula, concluindo-se o nível médio da propensão para o empreendedorismo apresenta diferenças entre homens e mulheres ($p=0,078$).

Este modelo explica 7% da variação ocorrido na propensão para o empreendedorismo. Deste modo constata-se que a idade e o sexo do indivíduo não são os determinantes mais relevantes do perfil empreendedor.

Procurou-se determinar de seguida se existe uma influência combinada da nacionalidade do indivíduo e a sua faixa etária na propensão para o empreendedorismo, através da aplicação da mesma técnica estatística.

Pretendem testar-se as seguintes hipóteses:

Efeito de Interação:

Ho: O efeito combinado dos fatores nacionalidade e idade não gera diferenças no nível médio da propensão para o empreendedorismo. (Não há efeito de interação)

Ha: O efeito combinado dos fatores ano da nacionalidade e idade gera diferenças no nível médio da propensão para o empreendedorismo. (Há efeito de interação)

Efeito principal nível de nacionalidade:

Ho: O nível médio da propensão para o empreendedorismo é igual em todas as nacionalidades. (Não há efeito de interação)

Ha: O nível médio da propensão para o empreendedorismo é diferente em pelo menos uma das nacionalidades. (Há efeito de interação)

Efeito principal idade:

Ho: O nível médio da propensão para o empreendedorismo é igual em todas as categorias etárias. (Não há efeito de interação)

Ha: O nível médio da propensão para o empreendedorismo é diferente em todas as categorias etárias. (Há efeito de interação)

Tabela 4 - Teste efeito entre objetos

Variável dependente: propensão para o empreendedorismo

Fonte	Soma dos Quadrados Tipo III	df	Média	F	Sig.
Modelo correto	30,76182	3	10,25394	10,64415	0,0000
Interceção	9,986803	1	9,986803	10,36685	0,0013
Idade	0,397545	1	0,397545	0,412674	0,5208
Nacionalidade	28,12022	1	28,12022	29,19034	0,0000
Idade * Nacionalidade	0,031957	1	0,031957	0,033173	0,8555
Erro	703,2382	730	0,96334		
Total	734	734			
Total Corrigido	734	733			

a R² = ,042 (R² Ajustado= ,038)

Efeito de interação: não se rejeita a hipótese nula (p=0,855);

Efeito principal nacionalidade: rejeita-se a hipótese nula (p=0,000), concluindo-se que há pelo menos uma nacionalidade onde o nível médio da propensão para o empreendedorismo é diferente;

Efeito principal idade: não se rejeita a hipótese nula, concluindo-se o nível médio da propensão para o empreendedorismo não apresenta diferenças entre os que reprovaram e os que não reprovaram (p=0,520).

Este modelo explica 4% da variação da propensão para o empreendedorismo, demonstrando-se que apesar dos efeitos encontrados, não são as características pessoais dos indivíduos o que mais influencia o perfil empreendedor.

Na literatura encontram-se referências à educação empreendedora como influenciadora da propensão para o empreendedorismo, pelo que se testou esta relação, considerando adicionalmente a nacionalidade, uma vez que a valorização da educação varia de país para país.

Tabela 5 - Teste efeito entre objetos

Variável dependente: propensão para o empreendedorismo

Fonte	Soma dos Quadrados Tipo III	df	Média	F	Sig.
Modelo correto	631,5497	547	1,15457	2,096139	0,0000
Interceção	10,71565	1	10,71565	19,45441	0,0000
Nacionalidade	4,613279	1	4,613279	8,375476	0,0043
Educação empreendedora	586,6605	538	1,090447	1,979723	0,0000
Nacionalidade* Educação empreendedora	5,573666	8	0,696708	1,264884	0,2643
Erro	102,4503	186	0,550808		
Total	734	734			
Total Corrigido	734	733			

a R² = ,860 (R² Ajustado= ,450)

Efeito de interação: não se rejeita a hipótese nula (p=0,264);

Efeito principal nacionalidade: rejeita-se a hipótese nula (p=0,004), concluindo-se que há pelo menos uma nacionalidade onde a propensão para o empreendedorismo é diferente;

Efeito principal educação empreendedora: não se rejeita a hipótese nula, concluindo-se o nível médio da propensão para o empreendedorismo não apresenta diferenças significativas entre os diferentes perfis de educação empreendedora ($p=0,000$).

Este último modelo explica 86% da variação da propensão para o empreendedorismo. Denota-se, da análise destes resultados, que a educação empreendedora combinada com a nacionalidade do indivíduo explica grandemente o perfil do empreendedor, o que encontra sustentação na literatura analisada. Todavia, estas variáveis *per si* não apresentam diferenças manifestamente significativas entre os quatro países analisados. Esta ilação pode estar correlacionada com o fenómeno referido por Lüthje e Franke (2002), de que a grande maioria dos países possui unidades curriculares ou módulos de empreendedorismo dentro de unidades curriculares.

4. Conclusões e Implicações

A influência da educação empreendedora na propensão para o empreendedorismo, como referenciado neste trabalho, já foi largamente explorada. Contudo, permanece um hiato com relação às evidências empíricas dos determinantes desta propensão num contexto não norteamericano. Este trabalho procura contribuir para colmatar esta lacuna, apresentando evidências empíricas de quatro países europeus, culturalmente e geograficamente distintos e com projetos educacionais diferenciados.

A influência da educação empreendedora na propensão para o empreendedorismo já tinha sido referenciada no contexto americano e no nipónico. O mesmo é confirmado ao testar esta relação, de forma combinada com a nacionalidade, uma vez que a valorização da educação varia de país para país.

Quando combinada a educação empreendedora com a nacionalidade do indivíduo, o perfil do empreendedor é explicado significativamente, o que corrobora com outros autores referidos. Note-se, porém, que nos quatro países analisados, as variáveis quando analisadas *per si* não apresentam diferenças significativas.

Estas conclusões não pretendem cobrir toda a riqueza desta temática, sendo apenas mais um contributo para a compreensão deste fenómeno e, acima de tudo, um instrumento auxiliar de

diagnóstico. Os considerandos acima expostos têm, no entanto, que ter em conta as limitações inerentes a um trabalho desta natureza. Este estudo teve por base dados recolhidos em quatro países, pelo que o universo tratado é limitado e os dados refletem a realidade do momento da recolha da informação. Outras dimensões poderiam ter sido avaliadas neste projeto. Pretende-se em futuras pesquisas, incluir novos dados que contribuam para colmatar estas lacunas.

Para além, dos argumentos expostos, seria ainda interessante avaliar outras duas dimensões. Por um lado, alargar o âmbito do estudo a outros países e, por outro, averiguar o comportamento de indivíduos não universitários neste domínio para avaliar não só o impacto da educação empreendedora em indivíduos com elevado nível educacional, mas na população no geral.

5. Referências

- Alba-Ramirez, A. (1994). Self-employment in the midst of unemployment: the case of Spain and the United States. *Applied Economics*, 26(3), 189-204.
- Aldrich, H. (1999). *Organizations Evolving*. London: Sage.
- Aldrich, H. E. (1990). Using an Ecological Perspective to Study Organizational Founding Rates. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 14(3) Available at SSRN: <http://ssrn.com/abstract=1504469>, 7-24.
- Aldrich, H. E., e Fiol, M. (1994). Fools Rush in? The Institutional Context of Industry Creation. *The Academy of Management Review*, 19(4) (Article Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/258740>), 645-670.
- Allinson, C. W., Chell, E., e Hayes, J. (2000). Intuition and entrepreneurial behaviour. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 9(1), 31-43.
- Alstete, J. W. (2008). Aspects of Entrepreneurial Success. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 15 (3), 584-594.
- Amit, R., Brander, J., e Zott, C. (1998). Why do venture capital firms exist? theory and canadian evidence. *Journal of Business Venturing*, 13(6), 441-466.
- Amit, R., Glosten, L., e Muller, E. (1993). Challenges to theory development in entrepreneurship research. *Journal of Management Studies*, 30, 815-834.
- Amit, R., Muller, E., e Cockburn, I. (1995). Opportunity costs and entrepreneurial activity. *Journal of Business Venturing*, 10(2), 95-106.
- Autio, E., Keeley, R., Klofsten, M., e Ulfstedt, T. (1997). Entrepreneurial intent among students. Testing an intent model in Asia, Scandinavia and USA. In *frontiers of Entrepreneurship Research. Proceedings of the 17th Annual Babson College Entrepreneurship Research Conferenc.*
- Avolio, B. (2012). Why Women Enter into Entrepreneurship? An Emerging Conceptual Framework Based on the Peruvian Case. *Journal of Women's Entrepreneurship and Education*, 43-63.
- Bandura, A. (1982). Self-Efficacy Mechanism in human agency. *American Psychologist*, 37 (2), 122-147.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of Self-control*. New York: W. H. Freedman.
- Barbosa, S. D., Gerhardt, M. W., e Kickul, J. R. (2007). The Role of Cognitive Style and Risk Preference on Entrepreneurial Self-Efficacy and Entrepreneurial Intentions. *Journal of Leadership and Organizational*, 13(4), 86-104.

- Baron, R. A., Franklin, R. J., e Hmieleski, K. M. (2013). Why Entrepreneurs Often Experience Low, Not High, Levels of Stress The Joint Effects of Selection and Psychological Capital. *Journal of Management*.
- Barrick, M. R., e Mount, M. K. (1991). The big five personality dimensions and job performance: a meta-analysis. *Personnel Psychology*, 44(1), 1–26.
- Baum, J. R., e Locke, E. A. (2004). The relationship of entrepreneurial traits, skill, and motivation to subsequent venture growth. *Journal of Applied Psychology* 89(4), 587-598.
- Bechard, J., e Toulouse, J. (1998). Validation of a didactic model for the analysis of training objectives smaller businesses. *Journal of Business Venturing*, 2 (1), 317-332.
- Bernardo, A. E., e Welch, I. (2001). On the Evolution of Overconfidence and Entrepreneurs. *Journal of Economics and Management Strategy*, 10(3), 301-330.
- Bhidé, A. (1999). *The Origin and Evolution of New Businesses*. New York, Us: Oxford University Press.
- Brockhaus, R. (1987). Entrepreneurial folklore. *Journal of Small Business Management*, 25/3, 1-6.
- Busenitz, L. W. (1999). Entrepreneurial risk and strategic decision making: It's a matter of perspective. *Journal of Applied Behavioral Science* 35(3) , 325-340.
- Busenitz, L. W., e Barney, J. B. (1997). Differences between entrepreneurs and managers in large organizations: Biases and heuristics in strategic decision-making. *Journal of Business Venturing*, 12(1), 9-30.
- Busenitz, L. W., e Lau, C.-M. (1996). A Cross-Cultural Cognitive Model of New Venture Creation. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 20(4), 25-39.
- Campbell, C. A. (1992). A Decision Theory Model for Entrepreneurial Acts. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 17(1), 21-27.
- Canina, L., Palacios, D., e Devece, C. (2012). Management theories linking individual and organizational level analysis in entrepreneurship research. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 8(3), 271-284.
- Carree, M. A., e Thurick, A. R. (2010). The impact of entrepreneurship on economic growth. In *Handbook of entrepreneurship research* (pp. 557-594). New York: Springer.
- Casson, M. (1995). *Entrepreneurship and Business Culture*. Aldershot, UK and Brookfield, US: Edward Elgar.
- Chaganti, R., e Greene, P. G. (2002). Who are ethnic entrepreneurs? A study of entrepreneursapos; ethnic involvement and business characteristics. *Journal of Small Business Management*, 40(2), 126-143.

- Chell, E. (2008). *The Entrepreneurial Personality: A Social Construction*. The Psychology Press/Routledge.
- Chen, C. C., Greene, P. G., e Crick, A. (1998). Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? *Journal of Business Venturing*, 13(4), 295–316.
- Chrisman, J. J., Chua, J. H., e Sharma, P. (2005). Trends and directions in the development of a strategic management theory of the family firm. *Entrepreneurship theory and practice*, 29(5), 555-576.
- Clouse, V. G. (1990). A Controlled Experiment Related Entrepreneurial Education to Students' Start-Up Decisions. *Journal of Small Business Management*, 28(2), 45-53.
- Corbett, A. C.; Katz, J. A. (Eds.). (2012). *Entrepreneurial action*. Bingley: Emerald Group Publishing.
- Cromie, S. (1987). Motivations of aspiring male and female entrepreneurs. *Journal of Organizational Behavior*, Vol. 8 (3), 251-261.
- Cromie, S. (2000). Assessing entrepreneurial inclinations: Some approaches and empirical evidence. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 9 (1), 7-30.
- Cromie, S., e Birley, S. (1992). Networking by female business owners in Northern Ireland. *Journal of Business Venturing*, 7(3) , 237-251.
- De Jorge-Moreno, J., Castillo, L. L., e Triguero, M. S. (2012). The effect of business and economics education programs on students' entrepreneurial intention. *European Journal of Training and Development*, 36(4), 409-425.
- Dimov, D. P., e Shepherd, D. A. (2005). Human capital theory and venture capital firms: exploring “home runs” and “strike outs”. *Journal of Business Venturing*, 20(1), 1-21.
- Donald, K. F., e Goldsby, M. G. (2004). Corporate entrepreneurs or rogue middle managers? A framework for ethical corporate entrepreneurship. *Journal of Business Ethics*, 55(1), 13-30.
- Drucker, P. F. (1985). *Innovation and entrepreneurship: practice and principles*. Harper Row.
- Duchesneau, D., e Gartner, W. (1990). A profile of new venture success and failure in an emerging industry. *Journal of Business Venturing*, 5, 297-312.
- Earl, P. E. (1990). Economics and Psychology: A Survey. *The Economic Journal*, 100(402), 718-755. (Article Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2233656>).
- Eddleston, K. A., e Powell, G. N. (2008). The role of gender identity in explaining sex differences in business owners' career satisfier preferences. *Journal of Business Venturing*, 23(2), 244-256.
- Eisenhauer, J. G. (1995). *The Entrepreneurial Decision: Economic Theory and Empirical Evidence*. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 19(4), 59-77.

- Evans, D. S., e Leighton, L. S. (1989). Some Empirical Aspects of Entrepreneurship. *The American Economic Review*, 79(3), 519-535.
- Fassin, Y., Van Rossem, A., e Buelens, M. (2011). Small-business owner-managers' perceptions of business ethics and CSR-related concepts. *Journal of business ethics*, 98(3), 425-453.
- Ferreira, J. J., Raposo, M. L., Rodrigues, R. G., Dinis, A., e do Paço, A. (2012). A model of entrepreneurial intention: An application of the psychological and behavioral approaches. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 19(3), 424-440.
- Freeman, J. (1990). Organizational life cycles and natural selection processes. In B. Staw, e L. Cummings, *The evolution and adaptation of organizations* (pp. 1-32). (citeulike:4504511).
- Gaglio, C. M., e Katz, J. A. (2001). The Psychological Basis of Opportunity Identification: Entrepreneurial Alertness. *Small Business Economics*, 16 (2), 95-111.
- Gendron, G. (2004). Practitioners' Perspectives on Entrepreneurship Education: An Interview With Steve Case, Matt Goldman, Tom Golisano, Geraldine Laybourne, Jeff Taylor, and Alan Webber. *Academy of Management Learning e Education*, 3(3), 302-314.
- Gifford, S. (1992). Allocation of entrepreneurial attention. *Journal of Economic Behavior and Organization*, 19 (3), 265-284.
- Gnyawali, D. R., e Fogel, D. S. (1994). Environments for Entrepreneurship Development: Key Dimensions and Research Implications. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 18(4), 43-62.
- Gorman, G., Hanlon, D., e King, W. (1997). Some research perspectives on entrepreneurship education, enterprise education and education for small business management: a ten-year literature review. *International Small Business Journal* 15 (3), 56-79.
- Greene, P. G., Hart, M. M., Gatewood, E. J., Brush, C. G., e Carter, N. M. (2003). Women entrepreneurs: Moving front and center: An overview of research and theory. *USASBE White Papers*, United States Association for Small Business and Entrepreneurship.
- Gundry, L. K., e Welsch, H. P. (2001). The ambitious entrepreneur: high growth strategies of women-owned enterprises. *Journal of Business Venturing*, 16(5), 453-470.
- Hamilton, R. T., e Harper, D. (1994). The Entrepreneur in Theory and Practice. *Journal of Economic Studies*, 21(6), 3-18.
- Hansemark, O. C. (1998). The effects of an entrepreneurship programme on Need for Achievement and Locus of Control of reinforcement. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour e Research* 4(1), 28-50.
- Harper, D. (1996). *Entrepreneurship and the market process: an enquiry into the growth of knowledge*. London: Routledge.

- Harper, D. (1997). Institutional conditions for entrepreneurship. Working paper, New York University, US.
- Harper, D. A. (1999). How Entrepreneurs Learn: A Popperian Approach and Its Limitations. *Research in Strategy, Process and Economic Organization* (pp. 1-28). Department of Industrial Economics and Strategy, Copenhagen Business School.
- Hassett, K. A., e Hubbard, R. G. (2002). Tax policy and business investment, 3. In A. J. Auerbach, e M. Feldstein, *Hanbook of Public Economics* (pp. 1293-1343). Elsevier B.V.
- Hebert, R. F., e Link, A. N. (1988). *The entrepreneur: Mainstream views and radical critiques*. New York, US: Praeger.
- Hisrich, R., Langan-Fox, J., e Grant, S. (2007). Entrepreneurship research and practice: A call to action for psychology. *American Psychologist* 62(6), 575-589.
- Hitt, M. A., Ireland, R. D., Camp, S. M., e Sexton, D. L. (2001). Strategic entrepreneurship: entrepreneurial strategies for wealth creation. *Strategic Management Journal*, 22(6-7), 479-491.
- Hofstede, G., Noorderhaven, N. G., Thurik, A. R., Uhlaner, L. M., Wennekers, A. R., e Wildeman, R. E. (2004). Culture's role in entrepreneurship: self-employment out of dissatisfaction. In T. Brown, e J. Ulijn, *Innovation, entrepreneurship and culture: the interaction between technology, progress and economic growth* (pp. 162-206). Cheltenham, UK and Brookfields, US: Edward Elgar.
- Ireland, R. D., Covin, J. G., e Kuratko, D. F. (2009). Conceptualizing corporate entrepreneurship strategy. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(1), 19-46.
- Ireland, R. D., Covin, J. G., e Kuratko, D. F. (2009). Conceptualizing corporate entrepreneurship strategy. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(1), 19-46.
- Ireland, R. D., Covin, J. G., e Kuratko, D. F. (2009). Conceptualizing corporate entrepreneurship strategy. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(1), 19-46.
- Ireland, R. D., Hitt, M. A., e Sirmon, D. G. (2003). A model of strategic entrepreneurship: The construct and its dimensions. *Journal of management*, 29(6), 963-989.
- Izedonmi, P. F., e Okafor, C. (2010). The Effect Of Entrepreneurship Education On Students' Entrepreneurial Intentions. *Global Journal of Management and Business Research*, 10 (6), 49-60.
- Jackson, J. E., e Rodney, G. R. (1994). The Attitudinal Climate for Entrepreneurial Activity. *Public Opinion Quarterly*, 58(3), 358-380.
- Jackson, T., e Vitberg, A. K. (1987). Career Development, Part 1: Careers and Entrepreneurship. *Personnel* 64 (2), 12-17.
- Johnson, P. (1986). *New Firms: An Economic Perspective*. London: Allen and Unwin.

- Judge, T. A., Erez, A., Bono, J. E., e Thoresen, C. J. (2002). Are measures of self-esteem, neuroticism, locus of control, and generalized self-efficacy indicators of a common core construct? *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(3), 693-710.
- Kautonen, T., Gelderen, M., e Fink, M. (2013). Robustness of the theory of planned behavior in predicting entrepreneurial intentions and actions. *Entrepreneurship Theory and Practice*.
- Kickul, J., e Gundry, L. (2002). Prospecting for strategic advantage: the proactive entrepreneurial personality and small firm innovation. *Journal of Small Business Management*, 40(2), 85-97.
- Kirzner, I. (1973). *Competition and Entrepreneurship*. Chicago, IL, US: University of Chicago Press.
- Koh, H. C. (1996). Testing hypotheses of entrepreneurial characteristics: A study of Hong Kong MBA students. *Journal of Managerial Psychology* 11(3), 12-25.
- Kolvereid, L. (1996a). Prediction of employment status choice intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice* 20(3), 47-56.
- Kolvereid, L., e Moen, Ø. (1997). Entrepreneurship among business graduates: does a major in entrepreneurship make a difference? *Journal of European Industrial Training*, 21 (4), 154-160.
- Krueger, J. N., e Carsrud, A. L. (1993). Entrepreneurial intentions: Applying the theory of planned behaviour. *Entrepreneurship e Regional Development* 5(4), 315-330.
- Krueger, J. N., Reilly, M. D., e Carsrud, A. L. (2000). Competing Models of Entrepreneurial Intentions. *Journal of Business Venturing* 15(5/6), 411-432.
- Kuemmerle, W. (2003). Note on Conceptual Foundations and Contributions of the International Entrepreneurship (IE) Course (N5-803-154). Harvard Business School Publishing, Rev. Feb. 1, 2007, 1-57.
- Kuratko, D. F., Ireland, R. D., e Hornsby, J. S. (2001). Improving firm performance through entrepreneurial actions: Acordia's corporate entrepreneurship strategy. *The Academy of Management Executive*, 15(4), 60-71.
- Kuratko, D. F., Ireland, R. D., Covin, J. G., e Hornsby, J. S. (2005). A Model of Middle-Level Managers' Entrepreneurial Behavior. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(6), 699-716.
- Le, A. T. (1999). Empirical Studies of Self-Employment. *Journal of Economic Surveys*, 13(4), 381-416.
- Libecap, G. D. (2005). University Entrepreneurship and Technology Transfer: Process, Design, and Intellectual Property. *Advances in the Study of Entrepreneurship, Innovation and Economic Growth*, 16, 273-311.

- Lüthje, C., e Franke, N. (2002). Fostering entrepreneurship through university education and training: Lessons from Massachusetts Institute of Technology. *Innovative Research in Management* (pp. 1-13). Stockholm, Sweden: European Academy of Management.
- Lüthje, C., e Franke, N. (2003). The "making" of an entrepreneur: testing a model of entrepreneurial intent among engineering students at MIT. *ReD Management*, 33 (2), 135-147.
- Lüthje, C., e Franke, N. (2004). Entrepreneurial Intentions of Business Students: A Benchmarking Study. *International Journal of Innovation and Technology Management*, 1 (3), 269-288.
- McCrae, R. R., e Costa, P. T. (1987). Validation of the five-factor model of personality across instruments and observers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (1), 81-90.
- McDougall, P. P., Oviatt, B. M., e Shrader, R. C. (2003). A comparison of international and domestic new ventures. *Journal of international entrepreneurship*, 1(1), 59-82.
- McGee, J. E., Peterson, M., Mueller, S. L., e Sequeira, J. M. (2009). Entrepreneurial Self-Efficacy: Refining the Measure. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(4), 965–988.
- Miguel, P., e Beltrán, G. J. (2012). Doing culture, doing business: The rise of a new entrepreneurial spirit in the Argentine creative industries. *International Journal of Cultural Studies*.
- Miles, M. P., Munilla, L. S., e Covin, J. G. (2002). The Constant Gardener Revisited: The Effect of Social Blackmail on the Marketing Concept, Innovation, and Entrepreneurship. *Journal of Business Ethics*, 41(3), 287-295.
- Miner, J. B. (2000). Testing a Psychological Typology of Entrepreneurship Using Business Founders. *The Journal of Applied Behavioral Science*, 36 (1), 43-69.
- Minniti, M. (1999). Social environment and alternative patterns of entrepreneurial activity. working paper, Babson College, MA, US.
- Moriano, J. A., Gorgievski, M., Laguna, M., Stephan, U., e Zarafshani, K. (2012). A cross-cultural approach to understanding entrepreneurial intention. *Journal of Career Development*, 39(2), 162-185.
- Morris, M. H., Schindehutte, M., Walton, J., e Allen, J. (2002). The ethical context of entrepreneurship: Proposing and testing a developmental framework. *Journal of Business Ethics*, 40(4), 331-361.
- Mowery, D. C., e Sampat, B. N. (2004). The Bayh-Dole Act of 1980 and University–Industry Technology Transfer: A Model for Other OECD Governments? *Journal of Technology Transfer* 30(1/2), 115-127.
- Moyer, S. K., e Chalofsky, N. E. (2008). Understanding The Selection And Development Of Life Goals Of Family Business Owners. *Journal of Enterprising Culture*, 16(1), 19-53.

- Oakey, R., Mukhtar, S.-M., e Kipling, M. (2002). Student perspectives on entrepreneurship: observations on their propensity for entrepreneurial behaviour. *International Journal of Innovation Management*, 2(4/5), 308-322.
- Park, H. D., e Steensma, H. K. (2012). When does corporate venture capital add value for new ventures? *Strategic Management Journal*, 33(1), 1-22.
- Plaschka, G., e Welsch, H. (1990). Emerging structures in entrepreneurship education: Curricular designs and strategies. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 14(3), 55-71.
- Poon, J. M., Ainuddin, R. A., e Junit, S. H. (2006). Effects of Self-concept Traits and Entrepreneurial Orientation on Firm Performance. *International Small Business Journal*, 24(1), 61-82.
- Prodan, I., e Drnovsek, M. (2010). Conceptualizing academic-entrepreneurial intentions: An empirical test. *Technovation* 30, 332-347.
- Rasheed, H., e Rasheed, B. (2003). Developing entrepreneurial characteristics in minority youth: The effects of education and enterprise experience. In C. Stiles, e C. Galbraith, *Ethnic Entrepreneurship: Structure and Process (International Research in the Business Disciplines, Volume 4)* (pp. 261-277). Emerald Group Publishing Limited.
- Renko, M., Shrader, R. C., e Simon, M. (2012). Perception of entrepreneurial opportunity: a general framework. *Management Decision*, 50(7), 1233-1251.
- Reynolds, P. D. (1997). Who Starts New Firms? – Preliminary Explorations of Firms-in-Gestation. *Small Business Economics*, 9(5), 449-462.
- Rideout, E., e Gray, D. (2013). Does Entrepreneurship Education Really Work? A Review and Methodological Critique of the Empirical Literature on the Effects of University-Based Entrepreneurship Education. *Journal of Small Business Management*, 51(3), 329-351.
- Roberts, E. B. (1991). High stakes for high-tech entrepreneurs: Understanding venture capital decision making. *Sloan Management Review*, (elibrary.ru).
- Robinson, P. B., Stimpson, D. V., Huefner, J. C., e Hunt, K. H. (1991). An attitude approach to the prediction of entrepreneurship. *Entrepreneurship theory and practice*, 15 (4), 13-32.
- Romanelli, E., e Schoonhoven, K. (2001). The local origins of new firms. In E. Romanelli, e K. Schoonhoven, *The Entrepreneurial Dynamic* (pp. 40-67). Stanford, US: Stanford University Press.
- Serapio, M. G. (2010). Identifying firm competences and expertise: an international entrepreneurial perspective. *Faculty Development in International Entrepreneurship* (pp. 1-17). Denver, Colorado USA: Center for International Business Education and Research (CIBER), Institute for International Business University of Colorado Denver.
- Shane, S. (2003). *A General Theory of Entrepreneurship - The Individual-Opportunity Nexus*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.

- Shane, S., e Khurana, R. (2001). Career Experiences and Firm Foundings. paper presented at the Academy of Management Meetings (leeds-faculty.colorado.edu).
- Shane, S., e Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of Management Review* 25, 217-226.
- Shepherd, D. A., e Zacharakis, A. (2001). The venture capitalist-entrepreneur relationship: control, trust and confidence in co-operative behaviour. *Venture Capital: an international journal of entrepreneurial finance*, 3(2), 129-149.
- Shepherd, D. A., e Zacharakis, A. (2002). Venture capitalists' expertise: A call for research into decision aids and cognitive feedback. *Journal of Business Venturing*, 17(1), 1-20.
- Shepherd, D. A., Zacharakis, A., e Baron, R. A. (2003). VCs' decision processes: Evidence suggesting more experience may not always be better. *Journal of Business Venturing*, 18(3), 381-401.
- Shrader, R. C., e Simon, M. (2012). Perception of entrepreneurial opportunity: a general framework. *Management Decision*, 50(7), 1233-1251.
- Souitaris, V., Zerbinati, S., e Al-Laham, A. (2007). Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. *Journal of Business Venturing*, 22, 566-591.
- Stewart Jr., W. H., Watson, W. E., Carland, J. C., e Carland, J. W. (1999). A proclivity for entrepreneurship: A comparison of entrepreneurs, small business owners, and corporate managers. *Journal of Business Venturing*, 14(2), 189-214.
- Stuart, T. E., Hoang, H., e Hybels, R. C. (1999). Interorganizational Endorsements and the Performance of Entrepreneurial Ventures. *Administrative Science Quarterly*, 44(2), 315-349.
- Thomas, A. S., e Mueller, S. L. (2000). A Case for Comparative Entrepreneurship: Assessing the relevance of culture. *Journal of International Business Studies* 31, 287-301.
- Trigo, V. (2003). *Entre o Estado e o Mercado, Empreendedorismo e a Condição do Empresário na China*. Lisboa: Ad Litteram.
- Upton, N., Teal, E. J., e Felan, J. T. (2001). Strategic and business planning practices of fast growth family firms. *Journal of small business management*, 39(1), 60-72.
- Urban, B. (2006). Entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: a prospect for higher education? *Education as Change*, 10 (1), 85-103.
- Utsch, A., Rauch, A., Rothfuss, R., e Frese, M. (1999). Who Becomes a Small Scale Entrepreneur in a Post-Socialist Environment: On the Differences between Entrepreneurs and Managers in East Germany. *Journal of Small Business Management*, 37(3), 31-42.

- Van de Ven, A. H., Hudson, R., e Schroeder, D. M. (1984). Designing New Business Startups: Entrepreneurial, Organizational, and Ecological Considerations. *Journal of Management*, 10 (1), 87-108.
- Venkataraman, S. (1997). The distinctitive domain of entrepreneurship research: An editor's perspective. In J. Katz, e R. Brouckhaus, *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth* 3 (pp. 119-138). Greenwich, CT, US: JAI Press.
- Vesper, K. H. (1990). *New Venture Strategies*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.
- Wigren, C., Jenkins, A., e Wahlbin, C. (2007). Who is the Academic Entrepreneur? *Frontiers of Entrepreneurship Research*, Vol. 27 (4), Artigo 16.
- Wu, S.-y. (1989). *Production, entrepreneurship, and profits*. Cambridge, MA, US: Basil Blackwell.
- Zahra, S., Hayton, J., Marcel, J., e O'Neill, H. (2001). Fostering entrepreneurship during international expansion:: Managing key challenges. *European Management Journal*, 19(4), 359-369.
- Zhao, H., Seibert, S. E., e Hills, G. E. (2005). The Mediating Role of Self-Efficacy in the Development of Entrepreneurial Intentions. *Journal of Applied Psychology*, 90(6), 1265-1272.
- Zimmerer, T., e Scarborough, N. (2002). *Essentials of Entrepreneurship and Small Business Management* (3rd Edition ed.). Upper Saddle River, N.J.: Prentice Hall.